

ELABORAR O PRESENTE NOS DOMÍNIOS DO DISCURSO

Nilton Milanez¹

Comentário do Editor

Elaborar o presente nos domínios do discurso é tarefa imperativa e audaciosa que nos coloca em posição de ativistas do sentido, da produtividade que o acompanha e das muitas movências que ele põe em suspenso. É este o norte, por exemplo, da inédita contribuição e do espaço de fala do pesquisador Nilton Milanez, nesta edição da Revista Saridh. Somos, no escopo das palavras de Nilton, instigados a pensar a história como espaço fortuito de atravessamentos sinuosos, como terreno de práticas libidinosas acerca da verdade e, principalmente, como campo de batimento de subjetividade.

Nesta direção, a Revista Saridh, polida no brilho das assertivas do professor Nilton Milanez, toca na complexidade do espaço intervalar no qual se irrompem as grandezas discurso e sujeito, no seio das práticas políticas do presente. A problematização aqui conduzida ratifica a necessidade de nós pesquisadores abordarmos as muitas nuances da investigação linguístico-discursiva a partir dos mais diversos e múltiplos objetos de interesse, mas, para além disso, nos faz ver que somos todos acolhidos e afetados na leveza da existência de nosso outro. É preciso vivenciar a experiência do outro, entender que somos constituintes e agentes de um mesmo tecido histórico, factual, discursivo, político, ideológico.

A heterotopia de um presente, efêmero, não se desvincula de um amanhã inadiável, mas exige de nós o comprometimento especial de existir e de resistir, de (des)obedecer. É sob este encanto da argumentação de Nilton que oferecemos ao leitor a oportunidade de apreciar suas considerações neste editorial.

Nilton Milanez é Professor Pleno na Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador, e tem estágio de pós-doutoramento em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia e também na Sorbonne Nouvelle, Paris III, onde desenvolveu pesquisas em Discurso, Corpo e Cinema. Em período sabático, o professor-pesquisador Nilton Milanez pesquisou sobre Corpo, Cinema e Psicanálise no Département de Psychanalyse, Université Saint Denis, Paris VIII, em parceria com o Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e com o Interfaces/CNPq. Membro do GT de Estudos Discursivos Foucaultianos na Anpoll, o pesquisador Nilton Milanez é Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, na área de concentração de Análise de Discurso, e tem desenvolvido estudos de grande importância, de circulação nacional e internacional, sobre o tema das audiovisualidades e da constituição de sujeitos insurgentes.

As obras do professor Nilton estão compiladas e dispostas nas suas redes de interação social e em plataformas de acervo literário e, nesta edição da Revista Saridh, suas palavras nos oferecem estímulo para uma reflexão necessária e para a urgente assunção de nossa presença no tempo de agora. Somos, todos nós leitores, agraciados por este insigne texto niltoniano. Ao aplaudir aqui a presença de Nilton, lançamos o convite à leitura.

O agora de nosso presente é o ano de 2022, já dentro do segundo semestre das raias que clamam pela mudança das formas de governo. E como toda revista deve cumprir o seu destino, a *Saridh* abre suas páginas para ouvir o que temos feitos de nós mesmos neste presente político. É claro, os periódicos têm uma função pedagógica juntos às Instituições de Ensino, mas acima de tudo, nestes dias de um lindo dia para o amanhã, as pesquisas falam, ao mesmo tempo, de uma trajetória acadêmica e do modo como buscamos, na Universidade, uma organização de si por meio de uma escrita que revela, sempre, um si político nos domínios do discurso.

Esta é a experiência que verifico ao longo da discursivização de posições que a *Saridh* faz ecoar em coautoria com seus porta-vozes: nós, professoras, professores, com pesquisas em andamento constante, pessoas que vivem o cotidiano. Nessa luta diária de enclausuramentos e manifestações, campo de um presente imediato na Educação, no Espaço Urbano, na Diversidade, na Propaganda, nas Mídias, observamos posicionamentos que atravessam interculturalmente uma vida que se tornou, hoje, emergencial. Viver é urgente. Mas de que modo reconhecemos esse nosso presente emergencial? A emergência do emergencial nos diz que o presente nos importa mais do que nunca. É mergulhando, por isso, na cotidianidade dos fatos e acontecimentos particulares de nossos canteiros sociais, bem como em seus efeitos sobre nossos estilos de vida individuais, que vivenciamos a experiência do outro, instituições e pessoas, na escrita de nossos trabalhos.

Reconhecemos, em nossas pesquisas, aquilo que há de mais íntimo em nós, a posição que assumimos enquanto sujeitos do saber, frente ao outro e à maneira como temos sido, nós e os outros, governados. Está aí o fato que revela o investimento em uma microfísica da escrita. Escrevemos porque queremos um tipo de governo diferente do qual vivemos; escrevemos sobre o outro da nossa realidade como um efeito de irreverência contra

os efeitos de poder, que nos vem de múltiplas esferas do conhecimento; escrevemos para nos mantermos vivos e provarmos, enfim, que podemos nos governar a nós mesmos, segundo nossas próprias regras. O corpo social é nosso corpo, temos o direito de reivindicar com que corpo e em que condições queremos viver.

Quais são, então, os elementos que fazem emergir essa vontade de compreender nossas interações do dia a dia no campo do discurso? Sim, porque é sobre isso que o conhecimento e os domínios do discurso demandam. Percorremos a problematização do poder averiguando um sistema empírico de modos de vida, que se transformam em objeto de discurso, singularizando nossa história.

Como agimos, portanto? Em primeira instância, nossos movimentos são em desobediência aos modos de sermos governados em relação ao modo de nos colocarmos diante de uma possibilidade autoritária, de interrogarmos sobre uma certa obediência para nossas condutas libertárias, de nos insurgirmos sobre uma polícia dos saberes. Tudo isso está lá em nossos textos, registrados com a força vital de nossos dedos no teclado do notebook! Em segunda instância, o que transparece nessa batalha da escrita discursiva somos nós, os próprios sujeitos da escrita científica, somos nós, professoras e professores em sala de aula, somos nós, clientes desconfiados das mídias, somos nós, apenas nós, amantes, vivendo a subjetividade de amar com dignidade, que não pode deixar ao léu ser governado pelo outro de qualquer maneira.

Agora, certamente porque o agora é o hoje, esse é o lugar que ocupamos, aqui, neste espaço transversal de questionamentos da verdade, nesta revista. Tal qual Édipo, em que consistiria nossa metade complementar ao enigma da Esfinge para a revelação da verdade? De um lado, ela, soberana, que tudo sabe, é a materialização do acontecimento, do novo no discurso. De outro, nós, apenas com uma parcela discursiva da crise que nos levou ao oráculo de Delfos. Mas, uma terceira via nos mostra que a coragem de se interrogar a si, diante de um outro, que somos nós, assume formas que não podíamos imaginar nos domínios do discurso. A heterotopia que abre as vias para tantos espaços de pesquisa, espaços outros, demonstra também como o corpo de carne e osso se transforma em corpo da escrita.

O que pesquisamos, em quem nos transformamos? Em nossas pesquisas, tomamos aquele lugar espetacular dos super-heróis metamorfos. A heterotopia do corpo, quero dizer,

a possibilidade de ser sempre outra pessoa, inventar outro discurso, é a biopolítica dos metamorfos. O nosso espaço do discurso está para a condição da metamorfose do corpo do sujeito, do corpo social pelas vias da heterogeneidade dos dizeres. A metamorfose do corpo pensante acompanha a metamorfose político-social. Nós, sujeitos ambulantes da pesquisa, recrutamos nossas habilidades e nossos poderes de dizer. Tomamos parte do presente ousando saber aquilo que não podia ser dito, desvendando o enigma da Esfinge para encontrar, ao final do túnel, senão nós mesmos. Seria esse o limite do saber? Deparar-se consigo próprio, metamorfoseado, naquilo que a subjetividade permitiu que alcançássemos?

De toda forma, escrever, com alguma dor e algum deleite, e ler, com sorriso largo, os resultados de pesquisas outras, nos fazem deparar com o perigo do discurso, aquele de fazer circular saberes que é o que nos dá a vontade e o vigor de continuar a escrever, que é o que nos causa um furor de viver. A intempestividade da escrita, da vida, das metamorfoses rege uma política do corpo de dizer a verdade de cada acontecimentalização, de séries de acontecimentos históricos, políticos, pedagógicos, midiáticos, artísticos, sexuais, individuais. Com isso, querem nada mais, nada menos, do que se dessubmeterem de um programa de vida que não tem, por certo, se dado pronto, mas que é um projeto de transformação da realidade.

A realidade deste ano de 2022 nos convoca à insurreição contra mecanismos de constrangimento da espontaneidade da escrita, da regulação dos sistemas de conhecimento nas escolas, do abuso das censuras na produção do dizer-verdadeiro na mídia, da violência de gênero, da polícia da boa conduta na moral e nos bons costumes universitários. A realidade nos ensina sobre a legitimidade de possuir-se a si, de viver em favor da intercessão por meio da escrita, da nossa fala, do nosso corpo vigente, do sujeito da escrita pelo qual encarnamos o prazer de nosso presente. É nesse sentido que compreendo o trabalho de um periódico, o trabalho da *Revista Saridh*. E, não poderia finalizar sem dizer que o domínio do discurso é nossa prática diária de intervenção e que nosso presente é A UNIVERSIDADE, lugar de prática da liberdade.

PAUSA



Salvador, 25 de setembro de 2022

Nilton Milanez
UNEB/Campus I
LABEDISCO/CNPq

ⁱ Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador. Coordenador do LABEDISCO/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.

E-mail: nilton.milanez@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1403266753468089>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1669-0304>